

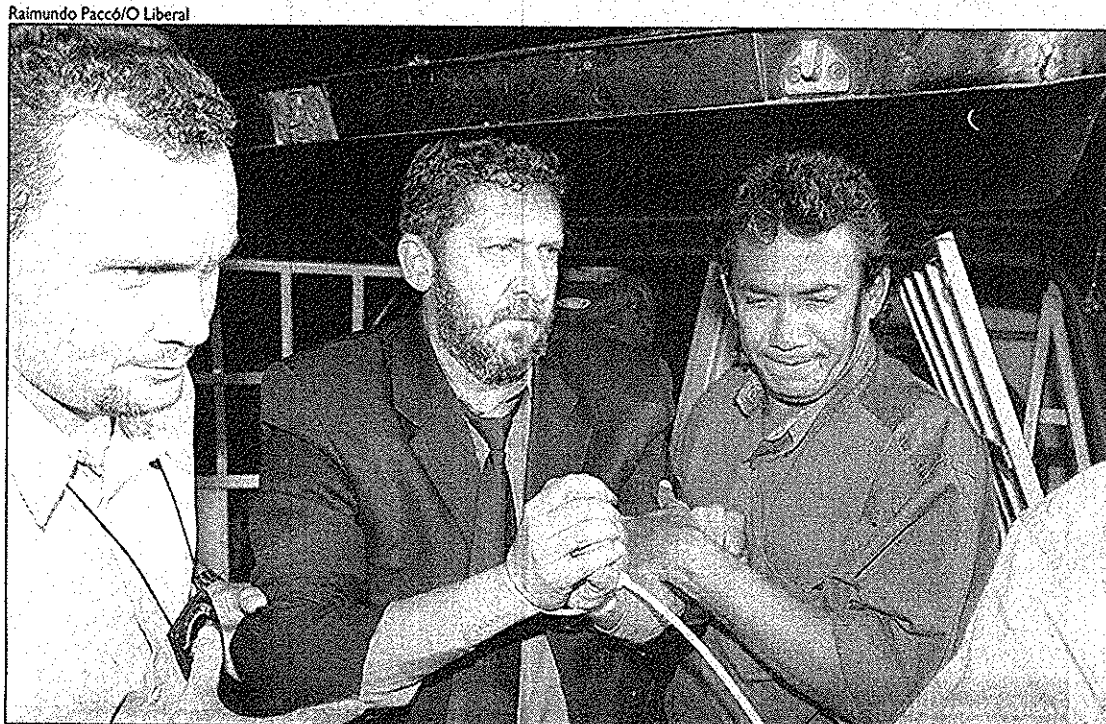
De herói a bandido em 30 dias

Castelo Branco denunciava corrupção no Ibama do Pará. Enganou até Sarney Filho. "É um farsante", reagiu o ministro

Romário Schettino
 Da equipe do Correio
 Com agências

Um lobo em pele de cordeiro que vendia dificuldades para ganhar facilidades. É essa a imagem atual do ex-superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais não-Renováveis (Ibama), do Pará, Paulo Castelo Branco, preso pela Polícia Federal no Aeroporto de Brasília ao receber R\$ 500 mil da empresa japonesa Eidai Madeiras do Brasil S/A. Em poucas semanas, Castelo Branco passou de denunciante de sérias irregularidades administrativas a denunciado por extorsão. Três procuradores do Ministério Público Federal em Belém estão convencidos de que ele será enquadrado no crime de tráfico de influência, podendo ser condenado de dois a cinco anos de prisão. Ele foi detido junto com dois assessores do senador Ademir Andrade (PSB-PA), a quem pediu ajuda para ir ao Aeroporto. Os dois foram liberados em seguida, por falta de provas, e Cas-

telo Branco levado para Belém. Castelo Branco esteve em Brasília, no final de abril, para pedir a intervenção do ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, no Ibama do Pará. "Aquilo lá era um antro de corruptos", dizia ele. "Dos 200 funcionários, só uns 20 são confiáveis", dizia ele. Assustado, o ministro mandou imediatamente abrir inquéritos. Agiu rápido: nomeou Alison José Coutinho, funcionário de carreira da casa, conhecido pela seriedade ao tratar de casos semelhantes, para o lugar de Castelo Branco — afastado até a apuração dos fatos. Castelo falava, por exemplo, em clonagem de processos, aprovação de projetos fantasmas de manejo florestal e em corrupção de funcionários. Ele mesmo estaria sendo ameaçado de morte. Mas a fama de salvador da instituição durou pouco. Ontem, o ministro Sarney Filho divulgou nota. Chama-o, por exemplo, do "farsante", - que enganou todo mundo. No texto da nota, promete prosseguir na tarefa de meter na cadeia os desonestos e apurar todos os desdobramentos desse



Castelo Branco chega a Belém, depois de ser preso em Brasília: cargo no Ibama com aval do Partido Verde

caso e "a ação nefasta" de estelionatários como Castelo Branco. Sarney Filho disse que o ex-superintendente também estava sendo investigado porque deixou de notificar empresas com o plano de manejo (autorização especial para derrubada de áreas de florestas) suspenso ou vencido e fez contratações sem licitação de prestadores de serviços. "Ele é um bandido", acusou Sarney Filho. Agora, o ministro estuda co-

mo enviar denúncia contra Castelo Branco à Procuradoria-Geral da República. Na manhã de quarta-feira, mesmo dia da prisão, Castelo Branco entregou novas denúncias e pediu demissão do cargo. O ministro, porém, não o demitiu — avaliou que seria melhor ele continuar com vínculo enquanto durar o inquérito administrativo aberto ontem. A preparação do flagrante policial foi iniciada com

base nas duas fitas gravadas pela Eidai e entregues terça-feira aos procuradores paraenses Ubiratan Cazetta e Marco Túlio Caminha. Ambos garantem estar "nítido o comprometimento de Castelo Branco e do intermediário Akihiro Tanaka com o crime". Apesar de, nas conversas gravadas, ter sido citado o nome do ministro Sarney Filho, como parte interessada no suborno, Caminha não vê motivo para a investi-

gação seguir esse rumo. "Essas provas, por enquanto, são insuficientes", diz ele. Segundo o procurador Ubiratan Cazetta, nas gravações é possível identificar falas de Castelo Branco prometendo transformar a cassação da licença de exploração da madeira, devido ao grande número de multas, "em simples advertência". A Eidai foi multada várias vezes. Uma delas, por ter 22 mil metros cúbicos de madeira sem comprovante de origem. Embora Castelo Branco não fale em valores, há nas fitas, segundo o procurador Cazetta, conversas entre Tanaka e Sato que tratam do pagamento da parcela de R\$ 500 mil em Brasília. Castelo Branco envolveu ainda um amigo na conclusão do "negócio" com a Eidai. Alfredo Pereira Júnior, assessor parlamentar do senador Ademir Andrade (PSB-PA), acabou algemado junto com seu colega de trabalho Nalber Crucius porque havia emprestado o carro para levar Castelo Branco ao aeroporto. "Como não podia me ausentar do Senado, ofereci-lhe o carro e pedi a meu colega Nalber Crucius que o acompanhasse", disse Júnior. Convencidos de que os amigos não tinham nada a ver com o flagrante, os policiais liberaram os assessores e levaram Castelo Branco preso para Belém.

Apoio à ONG Greenpeace

Paulo Castelo Branco foi presidente do Partido Verde (PV) em Belém e chegou a se candidatar a vereador nas últimas eleições. Não era conhecido até assumir o Ibama. Investigador de polícia em Belém, Castelo Branco teve uma ascensão rápida no órgão (há apenas seis ganhou o cargo de superintendente, substituindo Paulo Khoury, afastado por suspeita de corrupção). Foi indicado por suas relações com os ambientalistas de organizações não-governamentais (ONGs) importantes, como o Greenpeace.

As boas relações de Castelo Branco com os ambientalistas ficaram marcadas por seu apoio às ações de vigilância do Greenpeace no Pará. A mais importante aconteceu em dezembro de 1999, quando, em uma estrada no município de Icoaraci, próximo de Belém, os militantes do Greenpeace localizaram um caminhão com sete toras de madeira sem origem comprovada. Chamaram o Ibama e o próprio superintendente Castelo Branco foi ao local constatar a denúncia.

O Greenpeace marcou a madeira com uma tinta invisível e, quando o caminhão entrou no estacionamento da madeira Eidai, já com a presença da Polícia Federal, foi aplicada uma multa de R\$ 3,6 mil. Roberto Kishiname, diretor-executivo do Greenpeace no Brasil, diz que ficou surpreso com a prisão de Castelo Branco. "Ele foi prestativo com o Greenpeace", confessa. (RS)